

Editorial

Stylus 44 é especial porque, pela primeira vez, dedicamos todo o espaço de nossa revista a textos que versam sobre a infância e o infantil. Este último costuma estar sempre presente nas publicações, afinal, é uma revista de psicanálise, mas a infância e a clínica com crianças, não. Então, temos aqui uma excelente oportunidade para despertar na comunidade de analistas o interesse por essa prática, além de ampliar a discussão a seu respeito, tão necessária em nossa Escola e no mundo.

A propósito, Viviana Venosa levanta uma questão instigante em sua resenha sobre o escrito de Ana Laura Prates: “Em que um livro cujo subtítulo é *a direção do tratamento na psicanálise com crianças* poderia interessar a um praticante da psicanálise que não atende criança?”. As conclusões são importantíssimas e soam como um convite. Do mesmo modo se apresenta a resenha de Beatriz Chnaiderman, que chama a atenção para *O sujeito na entrada da estação*, um livro-trem composto de artigos-vagões escritos por nove autores — entre eles, Luis Achilles Furtado —, além de manuscritos traduzidos da própria Melanie Klein, que reconstroem os trilhos das vias férreas psicanalíticas sobre o autismo.

Ainda sobre a questão das psicoses na infância, os leitores encontrarão neste número um artigo de Achilles que esmiúça as clássicas “notas sobre a criança”, um bilhete cheio de verdades, fazendo frente ao desconhecimento garantido pelo espectro do autismo hoje; além do artigo de Pablo Peusner, que apresenta um recorte clínico espetacular sobre como não retroceder ante a criança, seja ela daqui ou de “outro planeta”.

Seguindo a trilha da direção do tratamento, Joseana Lima contribui com sua escrita para a discussão sobre o atendimento psicanalítico de adolescentes em contextos institucionais; e os textos de Carla Góes e Beatriz Oliveira levantam questões acerca da clínica com crianças durante a pandemia de covid-19 — para não esquecer que o horror também passa, se soubermos reconstruir as coisas depois, em terreno mais firme, como ensinou Freud.

Já na seção de trabalhos críticos com conceitos, encontram-se o artigo de Mônica Silva, que fala sobre o lugar do sintoma da criança e a prática do analista diante dos imperativos que avançam sobre nossa época hoje; o artigo de Valdelice França, que aproxima a constituição do sujeito e a formação do psicanalista; e os artigos de Lujan Iuale e Thalita Fontenele, que estão voltados para a relação do infantil com a poética, a lógica e a ética. Ademais, o texto de Mónica Palacio sobre o corpo da criança, originalmente uma conferência advinda dos esforços da Red Hispanohablante de Psicoanálisis com Niños y Adolescentes (Rhipna). Ali, Mónica retoma uma importante colocação de Colette Soler a respeito da diferen-

ça entre a topologia do sujeito dividido e a tópica do corpo especializado, para lembrar que o corpo tem idade, mas o sujeito, não.

Termino este Editorial recordando que foi em uma alocução sobre infância e loucura, no final de 1967, a convite de Maud Mannoni, que Lacan perguntou a seus (ím)pares: “como responderemos nós, os psicanalistas, à segregação trazida à ordem do dia por uma subversão sem precedentes?”, e “que alegria encontramos nós naquilo que constitui nosso trabalho?”. Essas perguntas eu gostaria de relançar aqui aos leitores, lembrando que é possível cernir do infantil — primo-irmão do real — alguma alegria, entusiasmo (a)crescido, que nos possibilite não mais recuar diante do atendimento de nenhum sujeito, independentemente de sua idade.

Divirtam-se!

Fortaleza, julho de 2022

Thalita Castello Branco Fontenele